



EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA

Ambiente Virtual de Aprendizagem
dos Cursos de Pós-Graduação a Distância da UNILAB
UNIVERSIDADE DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
Curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente
Escolar (UNIAFRO)

MARIA EDICE DA SILVA

ESTUDANTES NEGROS: COMO SÃO AFETADOS PELO
PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA.

REDENÇÃO
2016

MARIA EDICE DA SILVA

**ESTUDANTES NEGROS: COMO SÃO AFETADOS PELO
PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA.**

Monografia apresentado como requisito para aprovação no Curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Orientador(a): Prof. Carlindo Fausto Antônio

**REDENÇÃO
2016**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

S578e Silva, Maria Edice da.

Estudantes negros: como são afetados pelo preconceito e a discriminação na escola. /
Maria Edice da Silva. – Redenção, 2016.

24 f.: il.; 30 cm.

Monografia do Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial da Diretoria de
Educação a Distância da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Carlindo Fausto Antônio.

Inclui referências.

1. Discriminação na educação - Brasil. I. Título.

CDD 305.896981

MARIA EDICE DA SILVA

**ESTUDANTES NEGROS: COMO SÃO AFETADOS PELO
PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA.**

Monografia apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão II no Curso de Especialização em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlindo Fausto Antônio - Orientador.

Profª Drª Vera Regina Rodrigues da Silva

Prof. Francineide Bezerra Goergen

RESUMO

Esse trabalho apresenta um estudo de Literaturas que discutem as relações raciais na escola associado aos efeitos do preconceito, discriminação e desempenho dos estudantes. Trata-se de uma discussão dividida em três capítulos que integram a temática. Em um primeiro momento, a pesquisa destaca pontos sobre o preconceito e a discriminação na escola, apresentando definições e abordando os PCNs que apontam a importância do trabalho pedagógico com as diversidades. O capítulo ainda considera as diversas situações de discriminação que acontecem no ambiente escolar, destacando as ideologias internalizadas socialmente pelos indivíduos. O segundo capítulo aborda a importância da formação dos professores no contexto das relações raciais, considerando a formação integral do aluno. No terceiro capítulo prossegue um diálogo com a percepção do cotidiano escolar sobre o desempenho escolar como um dos aspectos relevantes das questões raciais no ambiente escolar. São citados autores que discutem aspectos diversificados das relações raciais na escola, sempre na perspectiva de um trabalho pedagógico que valorize as diferenças existente neste espaço.

PALAVRAS CHAVES: Preconceito Racial; Discriminação; Desempenho.

ABSTRACT

This paper presents a study Literatures discussing race relations in the school associated with the effects of prejudice, discrimination and student performance. This is a divided discussion in three chapters that make up the theme. At first, the research highlights points about prejudice and discrimination in school, with definitions and addressing the NCPs to point out the importance of pedagogical work with diversities. The chapter also considers the different situations of discrimination that take place in the school environment, highlighting the ideologies socially internalized by individuals. The second chapter discusses the importance of teacher education in the context of race relations, considering the integral formation of the student. In the third chapter pursues a dialogue with the perception of daily school on school performance as one of the relevant aspects of racial issues in the school environment. authors are quoted discussing diverse aspects of race relations in the school, always from the perspective of a pedagogical work that values the differences existing in this space.

KEYWORDS: Racial Prejudice; Discrimination; Performance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I	
PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA.....	08
CAPÍTULO II	
COMO O DESEMPENHO ESCOLAR É AFETADO PELO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO.....	13
CAPÍTULO III	
A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

INTRODUÇÃO

As discussões sobre a temática das relações raciais na escola tem sido constantes, principalmente a partir da implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório a inclusão do ensino da cultura afro-brasileira e da África no currículo escolar.

Compreende-se que numa sala de aula com grande diversidade de alunos, cada um tem sua história, sua origem, e até mesmo o professor sua história de vida particular e cabe a esse mediar a aprendizagem bem como os conflitos gerados pelas diferenças raciais e culturais. Portanto a formação continuada é imprescindível para que os docentes venha a mediar as discussões, os conteúdos curriculares e as relações raciais de modo que os estereótipos e paradigmas preconceituosos sejam desconstruídos.

Visto que a escola é instituição que trabalha o conhecimento acumulado socialmente contextualizando à realidade vivenciado nessa sociedade, faz-se necessário que as diferenças raciais sejam tratadas de forma pedagógica, considerando todos os potenciais existentes nesse ambiente e valorizando cultura, costumes e identidades contidas nesse contexto educativo.

Como professora, percebo que o potencial das crianças precisam ser estimulados para que as mesmas compreendam e acreditem que são capazes, criativos, inteligentes e podem adquirir um vasto conhecimento em ambientes diversos.

Nesse contexto, o primeiro capítulo discute o dia a dia da criança negra no cotidiano escolar convivendo com o preconceito e a discriminação. Em seguida no segundo capítulo são feitas algumas considerações sobre o desempenho escolar dessas mesmas crianças. O terceiro capítulo culmina com a formação continuada dos professores. Um passo para a mudança continuada dos professores. Um passo para a mudança de postura dos professores em relação aos paradigmas em que permeiam a sociedade, reproduzido no ambiente escolar.

CAPÍTULO I

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA

Discutir sobre preconceito e discriminação racial na escola torna-se uma abordagem muito delicada visto que este assunto influencia de forma intimidativa a vida das pessoas, sendo que até as chacotas sobre negros tem uma estreita relação com marcadores sociais de classe. Em suas considerações em relação a raça, Nogueira (1985) afirma que

Considera-se como preconceito racial, uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionado em relação aos membros de uma população aos quais se tem como estigmatizados, seja devido a aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. (NOGUEIRA, 1985, P 78).

A prática de preconceito racial na escola é um fator relevante na disseminação do mesmo. Um espaço que deveria ser de libertação e emancipação, muitas vezes reforça a manifestação do preconceito.

O preconceito racial está interligado com o modo de ser de cada indivíduo, manifestando nas relações interpessoais aceitação dos padrões de comportamento ficando mais fácil para o “não branco” acomodar o comportamento negro usando expressões como “pardo”, “moreno” e “preto”, tais adjetivos demonstram como acontece o escamoteamento do preconceito racial no Brasil.

O ambiente escolar é um local que agrupa diversos seres humanos com as mais variadas divergências, emergindo assim um grave problema: são racionais e atribuem a própria personalidade um tom de verdade e quando se vislumbra o outro como diferente ao seu comportamento, surgem os obstáculos que dão origem à discriminação. Tal situação tem como suporte o etnocentrismo, ou seja, uma “visão de mundo que considera o grupo a que o indivíduo pertence o centro de tudo, elegendo como o mais correto e como padrão cultural a ser seguido por todos. Considera os outros, de algumas formas diferentes como inferiores”. (ROCHA 2007, p.19)

As relações sociais do indivíduo se iniciam na família, porém é na escola que se estabelecem as relações entre as crianças de diferentes núcleos familiares. Esse contato entre os diferentes tornam a escola um espaço onde se vivenciam as tensões raciais, ou seja, é nesse espaço de sala de aula ou mesmo em outros momentos interativos da escola que as relações entre crianças brancos e negros que surgem as segregações, exclusões por conta dos atos

discriminatórios que lá acontecem.

A vida escolar na sociedade brasileira é composta por várias histórias, diferentes famílias, cada uma com suas particularidades, o que proporciona ao professor uma relação com os estudantes, na qual poderá existir um processo de interação e troca de experiências entre as crianças que fazem parte desse público. Geralmente entre as crianças pobres grande parte são negras e cabe ao professor mediar e equilibrar as situações, visto que estas correm o maior risco de serem discriminadas.

Essas diferenças muitas vezes são negadas na escola, através do mito da democracia racial, em que são apresentados alunos de culturas diferentes como se fossem iguais, quando muitos dos mecanismos didáticos estigmatizam as crianças negras e pregam o etnocentrismo da raça branca.

Os parâmetros curriculares Nacionais introduziram essa temática com pluralidade cultural, abordando entre outros aspectos, uma crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, provendo assim uma discussão sobre as práticas racistas na sala de aula.

Considerar a diversidade não significa negar a existência de características comuns, nem a possibilidade de constituirmos uma nação, ou mesmo a existência de uma dimensão universal do ser humano. Pluralidade cultural quer dizer afirmação da diversidade como traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanente, e o fato de que a humanidade de todos se manifesta de forma concretas diversas de ser humano (PCM, 2001, p.16)

Propõe-se uma discussão contínua, no ambiente escolar, valorizando as questões étnicas na medida em que os alunos conhecem valores de sua cultura e de outras culturas diferentes da sua, promovendo assim o respeito pelos outros que só é possível alcançar quando se internaliza a pluralidade cultural que faz parte do cenário brasileiro.

É notável o pouco conhecimento que se tem da diversidade do brasileiro. Sempre que o assunto é a definição dos povos que fazem parte do território brasileiro, logo fazemos uso de estereótipos que descaracterizam a cultura dos mesmos. Daí surge a dificuldade de lidar com as temáticas sobre o racismo em sala de aula. Contudo prática racista e discriminatória existem diariamente neste contexto escolar. Consciente, ou não, alunos, professores, funcionário, família se deparam com situações preconceituosas. Como instituição que faz parte da sociedade, a escola vive as práticas de discriminação e desigualdade que promovem a exclusão de pessoas.

Mudar a mentalidade, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível sócio econômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada um conhece, com visões de mundo diversos daquela que compartilha em família em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro lugar, porque a escola apresenta a criança conhecimentos sistematizados sobre país e o mundo, e aí a realidade plural de país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais. A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela. (PCN, 2001, p. 21)

Para o PCN (2001, p. 23) o grande desafio é a desconstrução dos paradigmas que compõe a mentalidade das pessoas que formam o coletivo das escolas, já que nela convivem alunos diferentes. Quanto às práticas pedagógicas deve-se frisar o repúdio das práticas racistas, usando a pluralidade como mecanismo de Aprendizagem e enriquecimento cultural banindo os estereótipos e preconceitos.

O cotidiano da escola permite viver algo da beleza da criação cultural humana em sua diversidade e multiplicidade. Partilhar um cotidiano onde o simples “olhar-se” permite a constatação de que são todos diferentes traz a consciência de que cada pessoa é única e, exatamente por essa singularidade, insubstituível (PCN, 2001, p. 53)

A grande diversidade de alunos na sala de aula, onde cada um tem sua história, sua origem e até mesmo o professor tem uma história de vida particular, exige uma interação onde um aprende com o outro enriquecendo o conhecimento de todos.

Assim os educadores se defrontam com o desafio de incorporar, de forma contextualizada e consistente, práticas que promovam o respeito e a tolerância através da articulação do processo de ensino e aprendizagem entre as diversas áreas do conhecimento. É visível a concepção existente entre as crianças de que negro serve ao branco, já inculcando nelas o preconceito. Nessa perspectiva, a abordagem sobre o assunto torna-se mais difícil devido os estigmas preconcebidos sobre a inferioridade da população negra. Diante dessas dificuldades faz-se necessário ações que promovam mudanças de comportamento com relação às atitudes discriminatórias, que embora ainda não sejam medidas suficientes para combater todas as formas de discriminação da qual nos deparamos, é fundamental que os educadores estejam instrumentalizados para que de fato possam intervir de forma significativa nas concepções de relações étnico raciais.

E importante que o educador esteja atento, com o olhar crítico e positivo, tanto nas perspectivas étnicas raciais, tanto nas culturais, religiosa e demais diversidade existente. Por outro lado, também, ele precisa estar atento ao uso de material didático, podendo contribuir para a identidade do educando com valores e crenças, como exemplos de diferentes modos de fazer, sentir, ver, interagir e brincar. O educador precisa apropriar-se das políticas e ações afirmativas que se referem as relações étnicas e raciais no cotidiano escolar. Tal postura é conveniente tanto no ambiente de sala, quanto nos demais espaços de convivência da escola.

No ciclo da alfabetização na educação infantil, é importante que se valorize outra estética, além daquela da pele clara e olhos azuis ou verdes, mas o sentido da beleza presente na pele negra, nos cabelos crespos.

Segundo Freire (2002, p. 41-43), “Ensinar exige reconhecimento e assunção da identidade cultural”, ou seja, o processo educativo objetiva a formação integral do estudante, valorizando sua identidade, fazendo com que se sinta à vontade e envolvido, de forma imparcial nos olhares ou modo de avaliações. Não convém que o educador tenha preferência por um aluno.

Os estudos de Gomes (2002) revelaram que o cabelo tem sido um dos principais símbolos utilizados no processo de representação explicitação das impressões sobre o negro porque desde a escravidão, o cabelo “tem sido usado como um dos elementos definidores do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileira”. (GOMES, 2002 p.4). Essa situação mostra que a escola não é somente uma instituição formadores de saberes escolares. Ela é também formadora de saberes sociais e culturais. Nas próprias palavras da autora

São nesses espaços que as oportunidades de comparação, a presença de outros padrões estéticos, estilos de vida e práticas culturais ganham destaque no cotidiano da criança e do/a adolescentes negros, muitas vezes contrária àquela aprendida na família. Em alguns casos, é o cuidado da mãe, a maneira como a criança é vista no meio familiar que lhe possibilitam a construção de uma auto-representação positiva sobre o ser negro/a e a elaboração de alternativas particulares para lidar com o cabelo crespo. Nesse caso, podemos inferir que saber lidar, manusear e tratar do cabelo crespo está intimamente associado com estratégias individuais de construção da identidade negra. (Gomes, 2002, p.7)

É como as crianças que possuem cabelos crespos são vistas na escola e na sociedade de um modo geral como assanhados, ou seja, aquela que não cuida, não escova o cabelo. Daí a preocupação das mães desde cedo, arrumar os cabelos das meninas com peteados que dificulte os fios ficarem soltos. Os próprios professores muitas vezes quando se referem à higiene

corporal, referem-se ao cabelo crespo com falta de higiene por considerarem que os mesmos devem estar sempre bem presos. Cabelos lisos é que podem ficar soltos. Esse conceito do cabelo crespo preso vem desde a família para que a criança esteja “devidamente à altura do convívio com outras crianças. Há também a justificativa de evitar que a criança seja discriminada na escola, visto que os colegas de sala e os profissionais na maioria consideram relevante o fato da criança está sempre bem penteada. E cabelos crespos para estarem bem penteados, devem estar preso.

CAPÍTULO II

COMO O DESEMPENHO ESCOLAR É AFETADO PELO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO

De acordo com as considerações de Nilma Lino Gomes, o processo de naturalização das desigualdades raciais, estimula a sociedade a entender como “natural” a ausência de negros nas ocupações de destaque e prestígio natural, ou seja, considera-se normal que negros ocupem as mais baixas posições na hierarquia social ou até mesmo excluído do mercado de trabalho. Mesmo quando se percebe a desigualdade apresentada nas estatísticas que mostram as crianças negras com o desempenho acadêmico inferior logo apresentam argumentos tentando justificar a discriminação racial como uma questão econômica, emocional, dificuldade de aprendizagem, ou ainda problemas com a estrutura familiar. (GOMES, 2004 p. 84-85)

Um outro aspecto a ser considerado é a organização da sala de aula. É comum os próprios estudantes se agruparem na sala de aula, escolhendo os lugares para sentar. Aqueles que sentam na frente, no fundo da sala e ou nas laterais. Estes logo se separam de acordo com o perfil estabelecido: bem comportados e estudiosos, indisciplinados e que não estudam, e os que apresentam dificuldades de acompanhar o processo didático apresentado, mostrando assim a desigualdade produzida pela instituição.

Um outro fator que reflete a desigualdade racial e a discriminação é demonstrado através de apelidos e brincadeiras de forma pejorativa que carregam uma carga depreciativa atribuído aos alunos negros, e muitos destes sentem-se ofendidos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que nenhuma criança ou adolescente seja objeto de qualquer opressão, punindo na forma da Lei qualquer atentado, por ação ou omissão. Isso inclui o professor que comete essa ação discriminatória e o professor muitas vezes por meio do olhar, do silêncio e do distanciamento destes e pela comparação indevida com os comportamentos dispensados a alunos brancos, o que deixa clara a insensibilidade dos professores diante de tais situações.

Estudos comprovam que as relações no âmbito escolar permeiam a depreciação da identidade de alunos negros, lhes atribuindo adjetivos de inferioridade racial ocasionando aos negros nítida desvantagem em relação aos grupos reconhecidos como brancos. (FAZZI, 2006, LOPES, 2005)

O ideal (de branqueamento) inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente brasileiro, rodando sempre na cabeça dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca baseada na “negritude”, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por a julgarem superior. (MUNANGA, 2004, p. 16)

O poder é assim associado aos brancos. A própria história brasileira coloca os brancos como heróis o que leva os alunos a ter uma visão que retrata as capacidades literárias e de liderança atribuídas aos grandes homens e associados como sendo capacidades específicas dos brancos.

Alguns professores entendem que o aluno negro sofre um processo de discriminação, muitas vezes até orientado pelo professor que reconhece o desempenho do aluno negro comprometido, assumindo que possuem uma caminhada árdua em relação ao aluno branco. Outros assuntos a omissão quando ignoram esse conflito racial, limitando-se ao ensino de conteúdos curriculares, deixando de lado o papel pedagógico na construção da harmonia social entre as pessoas.

[...] para reeducar as relações étnicos raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que tem sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade imposta a outros. E, então, decidir que sociedade queremos construir daqui pra frente. (BRASIL, 2004, s/p).

É comum as crianças aos confeccionarem cartazes, procuram imagens de crianças brancas, que indica que a mesma internaliza as experiências vivenciadas no seu dia a dia e passam a reproduzi-las. O contato com os meios que transmitem o padrão de beleza dominante, faz com que as crianças absorvam tais ideais de sociedade e os reportem na sua prática diária.

Em relação do dia a dia na escola, observam-se as evidências de superioridade entre alunos, quer seja pela pele mais clara, quer por ser o preferido dos professores. O silêncio dos docentes em relação à atitude discriminatória dos alunos para com os alunos negros e o incomodo dos pais dessas crianças com os xingamentos e estereótipos apesar de não cobrarem uma ação pontual para os comportamentos discriminatórios.

[...] os alunos negros são ótimos de estigmas e estereótipos no interior da escola, o que influencia, sobre maneira a sua identidade, pois a outo aceitação também depende das representações que os outros tem de si [...] É preciso investir em propostas didáticas que envolvam a escola e a família para que juntos, possam pensar em uma socialização mais tenra, afetuosa e de respeito entre alunos. (ALEXANDRE, 2010 p. 82 e 83)

No cotidiano escolar essas relações conflituosas não se restringem apenas à sala de

aula. Observa-se que no recreio, o cotidiano escolar é bem mais difícil, visto que as crianças vivenciam um contexto marcado por preconceito e discriminação racial onde vivem e são vítimas das ideias de inferioridade a respeito de seu pertencimento racial.

O silêncio da escola em relação aos conflitos raciais existentes em seu cotidiano fortalece o preconceito e a discriminação que vai além de seus muros. Essas situações somadas a um conjunto de condições escolares como a falta de formação de professores sobre a temática, a preferência por crianças brancas, o não reconhecimento pelas potencialidades das crianças negras podem influenciar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, comprometendo seu desempenho educacional.

Mais do que às diferenças sócio econômicas, o baixo desempenho dos alunos negros se deve às práticas racistas da escola muitas vezes vetadas. Mas que interferem diretamente no processo de desempenho. Faz-se necessário a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade para garantir o reconhecimento dos negros na sala de aula.

Sabe-se que a escola não é o único lugar que acontece as ações racistas, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam pelo espaço educacional. E quando se trata da população negra em sala de aula, tem-se o sinônimo de preconceito.

São diversos os fatores internos à escola que podem influenciar negativamente o rendimento dos alunos negros apelidos pejorativos, silêncio escolar sobre o racismo, representação deturpada dos negros nos livros didáticos e ausência de elogios e de demonstração de afeto por parte dos professores. Esses processos, na medida em que constroem um estereótipo negativo do negro em relação à sua capacidade intelectual, dentre outras capacidades, podem influenciar as atitudes e as posturas dos alunos em relação à escola e ao processo de escolarização. De forma geral, essas manifestações discriminatórias desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. (MUNANGA, 2001)

Segundo Gonçalves (2007), os alunos negros são descritos por alguns professores como desinteressados, e fracos com relação aos alunos brancos em semelhante situação onde os docentes mencionam características positivas e boas expectativas de desempenho. Outro aspecto relevante é que os docentes percebem os docentes menos atenciosos com os alunos negros.

Segundo Pinho (2007) pesquisadora que desenvolveu uma pesquisa com professores de Educação Física e observou o comportamento de alunos brancos e negros durante as aulas, quando se tratava de contatos físicos dos professores com estudantes brancos era visível a demonstração de afetos. Observou também que os professores corrigiam os alunos brancos com a voz em tom suave e de forma educada, porém, com os negros entoavam à voz de forma grosseira. Segundo a pesquisadora, os alunos de pele clara também evitavam os alunos negros e estes quando tinham dúvidas recorram aos colegas, buscando o professor em última instancia. Diante destes relatos, compreende-se que as relações no cotidiano escolar para os estudantes negros se constituem em experiências dolorosas.

O preconceito praticado à criança negra pode e é muito perverso, ou seja, pode causar um transtorno muito grande para seu inconsciente, pois pode fazer com que ela não se reconheça, iniciando um processo de desvalorização de suas características individuais, que interferem na construção de sua identidade, o que pode levar a criança a sentir-se desvalorizada e excluída, chegando até a pensar que não é merecedora de direitos e digna de respeito. Dessa forma não é estranho que crianças negras não se identifiquem como tal, visto que o papel do negro na sociedade está sempre relacionado a coisas ruins. Assim a autoestima e a autoconfiança desses estudantes diminuem na medida em que é gerado esse autoconceito.

No universo infantil escolar, tais mecanismos se revelam muito mais perversos por inculcar nas crianças uma naturalização da desigualdade e da inferioridade racial. O silêncio subtrai da criança a capacidade crítica de avaliar o mundo que a cerca. É perceptível esse sentimento nas crianças que não conseguem olhar no olho do professor ou de uma outra pessoa.

Essa discriminação que coloca o branco como um ser superior e mais capaz, foi tão difundida que, mesmo inconscientemente, ficou na mente das pessoas, inclusive das crianças.

O silêncio que perpetua os conflitos étnicos da sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação dentro da escola. Situações que ocorrem no espaço escolar de modo silencioso podem influenciar o ensino e a aprendizagem dos alunos.

Para Romão (2001) o educador que não foi preparado para trabalhar com a diversidade tende a padronizar o comportamento dos alunos, adotando uma postura etnocêntrica e singular, concluindo que, se as crianças negras “não acompanham” os conteúdos, é porque são defasadas econômica e culturalmente, sendo esta avaliação apoiada em estereótipos racial e cultural, ou são relaxadas e desinteressadas.

Para Gomes (2003) as práticas discriminatórias e a crença em um comportamento padronizado, e um ritmo de aprendizagem padrão. A partir da ideia de padronização, surge a margem de entendimento das diferenças como desvio, patologia, anormalidade, deficiência, defasagem, desigualdade. Assim o aluno negro é vítima de um repertório de estereótipos negativos que influenciam as expectativas dos professores sobre esses alunos.

Um outro agravante resultante da discriminação racial é que os relatórios das crianças negras e os resultados obtidos passam para os professores seguintes. As referências que são atribuídas aos alunos negros são de comportamentos negativos, queixas depreciadoras, indisciplina, desorganização e quando referem-se à família, apontam a falta de participação, e ausência de educação no ambiente familiar. As referências às crianças brancas, porém, são compostas de atributos comportamentais positivos, elogios à criança bem como à participação da família.

Alunos negros também são vítimas da seletividade escolar, visto que compõem em grande número o índice de evasão e repetência. A representação negativa, o preconceito, a discriminação racial, o desconhecimento do cotidiano dos alunos negros e de seu universo cultural pelos professores, o silêncio em torno da problemática racial nas escolas, as formas como os professores percebem as relações raciais contribuem para que o desempenho escolar dos alunos negros seja comprometido.

O baixo desempenho escolar desse público reside ou tem suas causas no tipo de educação escolar, que se centraliza e se preocupa com os conteúdos conceituais, relegando a um nível de pouca ou nenhuma prioridade a diversidade étnico cultural.

A reprodução do racismo na escola é um dos temas mais relevantes da agenda dos movimentos sociais negros, em todo o país. Não sem razão, evidentemente. Por trás das altas taxas de infrequência, repetência e evasão escolar verificadas entre as crianças negras, existe um denominador comum: a estigmatização e a desqualificação delas em razão do racismo (MOREIRA, 1997, p. 102)

Observar-se que muitos alunos que evadem são repetentes. Destes existem aqueles que são vítimas dos sentimentos de baixa autoestima e autovalorização. O processo de baixa autoestima no aluno negro provem do ambiente sócio histórico, reforçado pelas ações da escola que passa a ideia de inadequação do aluno, daí a evasão, a repetência e o baixo desempenho mesmo quando o aluno não se evade e nem repete de ano.

CAPÍTULO III

A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES

Atualmente, o cenário aponta para a necessidade de um professor capacitado para se posicionar criticamente diante das questões étnico-raciais. O tema pluralidade cultural tem entre os seus diversos objetivos, o repúdio a toda discriminação baseada em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais. (BRASIL, 1997)

Tendo em vista a complexidade das questões sociais, culturais e étnicas, os Parâmetros Curriculares, sobre o Tema Pluralidade Cultural, chamam atenção para a necessidade de a escola e, conseqüentemente, o professor buscarem informações mais precisas a questões que vem sendo respondidas, de modo indevido, pelo senso comum, ou ignoradas por um silencioso constrangimento. Nesse contexto, torna-se muito oportuna a reflexão sobre em que medida os cursos de Licenciatura estão propiciando aos graduandos a oportunidade de refletir sobre as diferenças étnico raciais de modo geral e, de modo particular, no contexto da escola uma questão crucial, visto que os alunos do curso de magistério em sua grande maioria possuem apenas uma concepção abstrata em sua formação de professor. Não se discute condições concretas enfrentadas pelos diferentes grupos de alunos existentes no ambiente escolar.

O professor em qualquer fase de seu processo de formação, inicial ou continuada, bem como de sua vivência pessoal, é um sujeito cultural e social, que recebe efeitos positivos e negativos da configuração histórica, social e econômica da sociedade, que no contexto brasileiro é pautado sobre estereótipos inferiorizantes, preconceitos e discriminações acerca de alguns grupos ditos “minoritários”. “É fato que nem a escola nem os centros de formação de professores “inventaram”, sozinhos, os diversos preconceitos e estereótipos. Isso não isenta, porém, da necessidade de assumirem um posicionamento contra toda e qualquer forma de discriminação” (GOMES, 2003, p. 160)

Outro fator importante também é a valorização da diversidade como elemento enriquecedor do trabalho pedagógico, passando pela discussão das influências causadas pela postura ou falta de postura do educador.

[...] alguns professores por falta de preparo ou por preconceitos nele introjetados não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação

no espaço escolar e na sala de aula como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz a nossa cultura e a nossa identidade nacional. (MUNANGA, 2001, p. 7-8)

Educadores enfrentam dificuldades em lidar com a temática sobre as relações raciais, visto que negros e negras possuem dificuldades em identificar sua pertinência racial. Faz-se necessário que a escola assuma uma postura que requer mudanças nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modos de encarar e tratar a diversidade.

A Lei 10.639/2003 que alterou a Lei 9394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e africanas traz a possibilidade de introduzir discussões desmistificadoras e conquistar cada vez mais espaço e práticas inovadoras acerca da questão racial, trazendo-a para a inserção dentro dos currículos escolares, para o dia a dia do professor e do aluno. São ensinamentos que devem vir acompanhado de uma contextualização, desvendando a História da África, e compreendendo melhor os aspectos da cultura afro.

O despreparo dos professores traz prejuízos ao trabalho pedagógico, dificultando as discussões refletindo de maneira negativa nas relações com os educandos e educadores comprometendo assim o processo educativo como um todo. É fundamental a desconstrução de discursos e conceitos arraigados que empobrecem a ação pedagógica.

Gomes (2003) aponta como um primeiro passo para a inserção da temática um aprofundamento nos processos de formação de professores e a busca de uma maior compreensão do que significa a produção das diferenças, e a sua compreensão como parte de um processo social e cultural. Um dos motivos pelo qual existem tantas dificuldades no entendimento e nas relações com as diferenças é a forma como estas diferenças foram produzidas ao longo do processo histórico e usadas socialmente como critérios de classificação, seleção, inclusão e principalmente de exclusão

Uma formação de professores preocupada com a diversidade étnico cultural com certeza deve ser pensada e repensada em currículos e práticas no sentido de construir um fazer pedagógico que valorize o respeito no sentido de construir uma prática pedagógica que valorize o respeito às diferenças e que as encarar como elementos componentes e valorizadores da configuração social. Pressupõe-se uma concepção de formação de professores críticos, comprometidos com uma educação que favoreça a inclusão. Gomes (2003) nos diz que

Esta formação exige dos docentes, dos cursos de graduação e pós graduação, o desenvolvimento conjunto de competência teórica e prática que seja capaz de acompanhar as diferentes formas de aprender e de conhecer desenvolvidas pelos alunos e professores como sujeitos sócio culturais, relacionando-as à diversidade cultural.

Assim, diante do contexto da sociedade brasileira, que possui um quadro de desigualdades raciais e sociais, surge a necessidade de uma tomada de consciência e de uma posição diante da necessidade de se conhecer e valorizar as semelhanças e diferenças como parte relevante de um projeto educativo.

Percebe-se que no ambiente escolar as situações de conflito que poderiam promover a interação, o conhecimento e o respeito às diferenças e as peculiaridades das diversas culturas que apresentam naquele momento não são bem aproveitados pelo professor, que muitas vezes, diante da situação que se apresenta, situações de constrangimento, não sabem como se posicionar diante das questões, se omitindo ou tratando isoladamente o fato. Assim a escola se cala diante do preconceito e da discriminação, tratando as desigualdades como sendo natural e perdendo a oportunidade de trabalhar as diferenças enquanto algo enriquecedor na interação das diversas culturas presentes no espaço educacional. Dessa forma, é evidente “a dificuldade do professor em lidar com situações de conflitos em relação a questão racial, demonstrando que essas questões, se tratadas, são de forma pontuada, sem que haja uma prática pedagógica explícita que desautorize a discriminação racial no contexto escolar”. (SANTOS, 2007: 72).

Nas relações professor – professor e professor-aluno pode se observar situações que envolvem a discriminação e o preconceito racial no ambiente escolar, onde educadores preferem não se posicionar quanto as questões raciais por considera-las desgostantes ou sem importância chegando a deixar de trabalhar a temática em sala por se tratar de algo polêmico e delicado.

Muitos professores ainda não internalizaram que quando o assunto discutido causa desconforto, torna-se positivo por proporcionar a oportunidade da desconstrução de estereótipos. Também não conseguem enxergar a gravidade do silêncio e da indiferença que reforça as crenças preconceituosas, dificultando o crescimento profissional dos educadores e prejudicando o intelectual e emocional dos alunos. Dessa forma, Cavalheiro, afirma que a escola está:

“repleta de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, o que gesta, em muitos momentos, um cotidiano escolar prejudicial para o desenvolvimento de todas as crianças e adolescentes, em especial às consideradas diferentes à população negra”. (CAVALHEIRO, 1998)

O processo educativo não pode esquivar-se do dever de preparar o indivíduo para as questões étnicas, já que estas, inevitavelmente permeiam as relações sociais. Um dos fatores que agravam essa tarefa é a escola se considerar igualitária, livre do preconceito e da discriminação, perpetuando desigualdades de tratamento que minam as oportunidades igualitárias para todas as crianças. Percebe-se então que o papel do educador é crucial, nas práticas que objetivem a inclusão positiva de crianças e adolescentes negros na estrutura educacional, sendo indispensável um Projeto Político Pedagógico escolar que inclua em seus tópicos, a promoção do respeito mútuo, o reconhecimento das diferenças e há possibilidade de se falar sobre elas sem receio e preconceito.

Em relação à presença da população negra nos livros didáticos, sempre foi marcada pela forma estereotipada, inferiorizada e excluída do processo de comunicação, visto que os autores se dirigem a um público majoritário, constituído por crianças brancas propagando assim a ideia do branqueamento, pois a criança negra internaliza uma imagem negativa de si própria e uma positiva do outro, tendendo a se rejeitar, baixar a autoestima. Nesse contexto o professor pode vir a ser um mediador inconsciente do preconceito se possuir uma visão acrítica das situações. Porém esse mesmo recurso pode ser utilizado como instrumento gerador de consciência crítica, desconstruindo a ideologia que desumaniza e desqualifica o negro, surgindo assim a desconstrução da ideologia que pode abrir a possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios.

Muitos professores apresentam uma postura indiferente e/ou passiva quando se discute a temática das questões raciais, chegando a demonstrar atitudes racistas e preconceituosas vivenciadas na escola e nas relações sociais como mostra Munanga

Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana. (MUNANGA, 2005, p. 15)

Compreende-se então que a formação dos professores na perspectiva das questões raciais deve ir além das informações da obrigatoriedade do ensino da cultura Afro-brasileira e da África, abordadas da Lei 10.639/2003. É preciso abordar métodos e estratégias de ensino que possam colaborar e/ou contribuir para o desenvolvimento das aulas de forma a promover a

valorização da diversidade, e a igualdade racial. Essas abordagens geram discussões que quando bem mediadas, podem levar os professores a direcionarem um novo olhar, um olhar positivo acerca do aluno afrodescendente, resultando no fortalecimento da autoestima e da identidade das crianças negras. Os potenciais destas crianças passam a ser percebidos, logo o desempenho destes alunos passam a ser mais significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho, foi realizado a partir de uma análise de considerações já realizadas por autores que estudam o preconceito, a discriminação no ambiente escolar bem como os efeitos deste sobre o desempenho escolar dos negros e negras. Foi considerado a árdua realidade que os alunos negros enfrentam no cotidiano escolar, orquestrada pelo preconceito e discriminação que permeia a sociedade brasileira e rotula esses estudantes como incapazes de realizar determinadas atividades. O ambiente escolar é o principal meio social que a criança ocupa após seu meio familiar. E é nesse espaço que o silêncio em relação aos conflitos raciais existentes em seu cotidiano fortalece a discriminação e o preconceito racial.

Os estudos de Nilma Lino Gomes (2002) revelaram que os cabelos tem sido um dos indicadores da classificação racial brasileira e tem contagiado as práticas pedagógicas e a escola, como um espaço social de educação institucional deve contribuir para essa desconstrução de estereótipos. A ideia do branqueamento faz-se presente em todos os contextos da sociedade, inclusiva também no contexto escolar, visto que crianças e adolescentes sentem a necessidade de serem aceitos nos grupos que se constituem nesse espaço. Trabalhar na escola, de forma à desconstruir combater tais ideologias requer instaurar novas formas de relação entre crianças negras, brancas e afrodescendentes, promover situações de diálogos e favorecer uma vivencia que permita a promoção do autoconhecimento no encontro com o diferente. Nesse contexto é imprescindível que o professor obtenha o conhecimento necessário sobre a história das relações raciais no Brasil, a importância e o contexto da Lei 10 639/2003, a origem do preconceito racial e seus efeitos e a compreensão de forma em que o preconceito se estabelece sutilmente no cotidiano da escola sendo reforçado pelo silêncio que se estabelece sutilmente no cotidiano da escola sendo reforçado pelo silêncio que se estabelece sobre o mesmo.

Assim, as reflexões propostas nesse trabalho, discutem os efeitos preconceito e da discriminação no ambiente escolar, buscando estratégias para que seja internalizado pelos professores a desconstrução de paradigmas que fortalecem as atitudes discriminatórias. Faz-se necessário um olhar investigativo, buscando detectar, ações preconceituosas para que sejam desconstruídos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRE, Ivone de Jesus. *Relações Raciais: um estudo com alunos, pais e professores*. Cuiabá: AdUFMT, 2010)
- BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, 2004.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil*. 1998. Dissertação de mestrado em educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra S.A, 2002
- GOMES, N. L. *Práticas pedagógicas e questão racial: o tratamento é igual para todos/as?* In: DINIZ, M.; VASCONCELOS, R. N (org.) *Pluralidade Cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004. p. 80-106.
- GOMES, Nilma Lino. *Trabalho docente formação de professores e diversidade étnico cultural*. Autentica, Belo Horizonte, 2003.
- GOMES, Nilma Lino. *Trajetória escolares/corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou resignificação cultural?* Caxambu, MG, 2002.
- MUNANGA, Kabengele. *Estratégias e Poéticas de Combate à Discriminação Racial (Edusp/Estação Ciências)*, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade Nacional versus Identidade Negra*. 2 ed. Belo Horizonte Editora Autentica, 2004
- MUNANGA, Kabengele. *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- NOGUEIRA, Dracy. *Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais*. São Paulo: Queiroz Editora, 1985.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*. Ministério da Educação, 2001
- PINHO, Vilma Aparecida de. *Relações Raciais no cotidiano Escolar: percepções de professores de educação física sobre negros*. Cuiabá: Ed. UFMT, 2007.
- SANTOS, Ângela Maria dos. In: MULLER, Maria Lúcia Rodrigues e COSTA, Cândida Soares da. *Voices e Silêncio do Cotidiano Escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros*. Cuiabá: UFMT/IE, 2007.